

A transmissão de experiências comunicáveis: um diálogo com Marc Bloch e Raymond Williams

The exchange of communicable experiences: a dialogue with Marc Bloch and Raymond Williams

Hiago Vaccaro Malandrin
Mestre em Educação (UNICAMP)

Resumo: Partindo de uma perspectiva histórica e cultural, adotando Marc Bloch e Raymond Williams como referências para o debate da história no contexto do pós-guerra, este artigo abordará os pontos de contato acerca da transmissão de experiências no campo da história e da cultura, procurando evidenciar como os problemas referentes às experiências comunicáveis dos indivíduos é motivo de debate na produção de ambos autores. O texto se organizará em dois momentos: primeiro, trará uma discussão sobre os sentidos de transmissão de experiências, comunicação e de formação de tradições em ambos autores, destacando os usos e sentidos dado; segundo, discutirá a paridade na lógica na produção de Bloch e Williams sobre os meios de comunicação.

Palavras-chave: Comunicação; História; Marc Bloch; Raymond Williams.

Abstract: From a historical and cultural perspective, adopting Marc Bloch and Raymond Williams as references for the debate on history in the post-war context, this article will address the points of contact regarding the transmission of experiences in the field of history and culture, seeking to highlight how the problems related to the communicable experiences of individuals is a matter of debate in the production of both authors. The text will be organized in two moments: first, it will bring a discussion about the meanings of transmission of experiences, communication and formation of traditions in both authors, highlighting the uses and meanings given; second, it will discuss parity in logic in Bloch and Williams' production of the media.

Keywords: Communication; History; Marc Bloch; Raymond Williams.

Introdução

Aliás, por que a frágil arte de escrever a história escaparia à crise geral de nossa época? Abandonamos um mundo sem sempre termos tido tempo de conhecer ou mesmo de apreciar seus benefícios, seus erros, suas certezas e seus sonhos — diremos o mundo do primeiro século XX? (ARÓSTEGUI, 2006, p. 18)

A assertiva destacada nos coloca no ponto de partida desse artigo: evidenciar como um processo histórico é afetado por um sentimento de crise. Mas de qual processo e de qual crise estamos falando? Trata-se do processo de transmissão de experiências comunicáveis, entendida aqui como um dos muitos processos humanos de registro e manutenção da história. Acerca da crise, não estamos pontuando um evento em particular, mas assinalando um sentimento geral do pós-

guerra, evidente no discurso histórico após a primeira guerra e que se acentua ainda mais após o segundo conflito mundial.

Não é nosso foco debater propriamente sobre a guerra e suas implicações, mas partiremos da premissa de que a experiência da guerra causou uma profunda oscilação na produção intelectual sobre o pensamento histórico contemporâneo. Quando observamos os nomes que se debruçaram sobre o problema da guerra e suas implicações para os mais variados campos do conhecimento, observamos como todos esses sujeitos e suas produções, mesmo que não compartilhem proximidades geográficas, parecem nos apresentar problemas similares e leituras parecidas sobre o tema. Ainda que estejamos falando de uma visão comum a um grupo de autores, as semelhanças nos problemas observados nos é importante, uma vez que grande parte destes está ocupada em relacionar grandes crises históricas com os avanços da historiografia de seu tempo. Estamos reproduzindo aqui uma assertiva bastante comum, como podemos observar, à caráter de exemplo, nos trabalhos de Walter Benjamin, François Dosse, Julio Aróstegui, Ernst Curtius, Fernand Braudel, e também Marc Bloch e Raymond Williams.

Entretanto, se estamos operando com uma assertiva tão comum entre tantos autores de diferentes tempos e áreas do conhecimento, por que escolher especificamente os nomes Marc Bloch e Raymond Williams? Para responder à essa questão iremos perpassar de forma breve o entendimento de Ernst Curtius sobre os avanços no campo da história em sua visão mais generalizada. O autor nos conta como os representantes desse progresso “são sempre indivíduos isolados que em razão de abalos históricos, como guerras e revoluções, são levados a encarar novos problemas” (CURTIUS, 1996, p. 34). E, dentro desse espectro de “indivíduos isolados” que são levados a encarar novos problemas, podemos situar Bloch e Williams, conhecendo que ambos tiveram experiências pessoais com a guerra, que apresentaremos sucintamente.

Após findar os estudos acadêmicos, Bloch segue para a Fundação Thiers, sendo convocado para combater na Primeira Guerra Mundial. Ao receber baixa após ser ferido em batalha, ingressa na Universidade de Estrasburgo. Seus escritos se encerraram em meio ao contexto da Segunda Guerra, aos 58 anos do autor, ao ser detido, torturado e assassinado pelos alemães em Lyon em 1944. Williams, por outro lado, é convocado para a Segunda Guerra ao ingressar no curso superior de Cambridge, servindo até 1945 ao pedir baixa. Ao retornar, assumi o papel de tutor de adultos e,

mais tarde, assume as cadeiras de na Universidade de Cambridge, continuando sua produção até seu falecimento em 1988, com 66 anos.

A escolha em enfatizarmos as figuras de Marc Bloch e Raymond Williams, portanto, não é fortuita, uma vez que os dois nomes apresentam uma afinidade tripla que os tornam centrais nesse artigo. Primeiro, ambos são tidos, respectivamente, como referências para estudos da história e da cultura; segundo, os autores compartilham uma mesma experiência com a vivência da guerra; e terceiro, ambos apresentam raciocínios semelhantes sobre o problema da transmissibilidade de experiências, como iremos discutir. Não obstante, tentaremos evidenciar também como Bloch mobiliza questões da cultura – de uma cultura registrada e comunicável – para compor um estudo no campo da história, enquanto Williams evoca questões históricas – contrapostas aos relatos presentes na literatura inglesa – para a construção de um debate no campo da cultura; de maneira que esses dois modos de fazer história parecem convergir para a temática semelhante aqui apresenta.

A transmissibilidade de experiências em Marc Bloch e Raymond Williams

26

Iniciaremos nossa argumentação retomando o processo chamado de “cristalização da historiografia”, ocorrido ao longo do século XX, que conferiu à disciplina novos contornos e características (ARÓSTEGUI, 2006, p. 101). Como nos conta o historiador espanhol Julio Aróstegui, para assumir a forma que conhecemos hoje, a historiografia, enquanto área do conhecimento, passou por um processo de criação, consolidação e estabelecimento de grandes paradigmas entre as décadas de 1930 e 1970 (ARÓSTEGUI, 2006, p. 101). É conhecido também que grande parte do processo de organização desses paradigmas foi estruturado em função das duas grandes guerras. Se combinarmos o raciocínio apresentado à passagem de Curtius que introduzimos anteriormente referente aos nomes do progresso histórico sempre estiveram associados às crises históricas (CURTIUS, 1996, p. 34), temos, não por coincidência, que entre 1930 e 1970, encontramos também a organização da Escola dos Annales, movimento historiográfico originário da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre ainda nos anos de 1929. Referente a esses dois nomes, é importante ressaltar que manteremos nosso foco em Bloch, uma vez que, além de estar no início do recorte temporal

apresentado, também é o responsável por elaborar escritos durante suas diferentes experiências pessoais com a guerra, com destaque para “A estranha derrota” (1946), obra na qual se debruça sobre a derrota francesa de 1939; e “Apologia à história. Ou o ofício de historiador” (1949), que veio a ser uma publicação póstuma, organizada por Lucien Febvre, em função do assassinato de Bloch durante a Segunda Guerra, e que é tido como a pedra fundamental da historiografia moderna.

A combinação das ponderações de Aróstegui e Curtius nos permite inferir que o movimento iniciado por Bloch junto a Escola dos Annales no contexto de um momento de crise e de guerra é, simultaneamente, constituidor e constituinte do processo de revisão da historiografia contemporânea e vem a ocasionar um avanço na história enquanto disciplina. Vejamos então o que está contido no interior da produção de Bloch em relação a esse assunto:

[...] os grandes desastres da humanidade estão longe de sempre terem servido à história. [...] Sob nossos olhos, as duas guerras mundiais riscaram de um solo, carregado de glória, monumentos e depósitos de arquivos; nunca mais poderemos folhear as cartas dos velhos comerciantes de Ypres, e presenciei, durante a derrota, o prontuário de um exército queimar. No entanto, por sua vez, a pacífica continuidade de uma vida social sem rasgos de febre mostra-se menos favorável do que às vezes se acredita à transmissão da memória. (BLOCH, 2001, p. 85)

Podemos ler ao longo da citação a afirmação da destruição e perdas ocasionadas pela guerra e seus impactos negativos à história, mas, o que nos interessa reside no final da passagem: “a pacífica continuidade de uma vida social sem rasgos de febre mostra-se menos favorável do que às vezes se acredita à transmissão da memória” (BLOCH, 2001, p. 85). Aqui temos a temática da transmissão de conhecimentos e de experiências em destaque pelo próprio autor, de modo que, em contrapartida a destruição da guerra – que vai na contramão da história e de todo seu progresso –, nos é indicado que uma cronologia sem crises não propõe mudanças e reajustes aos registros e à historiografia vigente de seu tempo. Contudo, no treco destacado, também observamos uma mudança de perspectiva por parte do autor. Ainda estamos sendo informados de uma história escrita por grandes desastres, mas não estamos falando de uma história mais geral, ou de todo um campo do conhecimento. Bloch volta-se à transmissão de uma memória em especial, o autor está aproximando-se de uma história dos indivíduos, composta por meio da transmissão de suas experiências.

O assunto da transmissão de experiências no contexto pós- crise – e em especial no contexto do pós- guerra – não é exclusivo de Bloch. Walter Benjamin é um dos primeiros a debruçar-se acerca desse assunto, elaborando a tese de que, após a experiência da primeira Grande Guerra, os soldados regressavam “pobres em experiências comunicáveis” e se mantinham silenciados em seus locais de origem. Nesse cenário, as experiências narrativas da guerra – e muitas vezes anteriores a ela – não eram transmitidas, e, por conseguinte, eram abandonadas dado ao horror vivido durante a guerra (BENJAMIN, 1986, p. 198). O problema principiado por Benjamin é essencialmente a descontinuidade da comunicação entre os sujeitos em razão à experiência da guerra. Dessa forma, o passado, enquanto uma experiência social – individual ou coletiva –, enfrenta um processo de ruptura em suas mais variadas formas e meios de transmissão, o que afeta diretamente a interação entre os sujeitos de uma mesma sociedade.

Tomado conhecimento dessa discussão mais geral, se voltarmos nossa atenção novamente à figura de Bloch, podemos enxergar a dualidade presente em sua citação. O que nos interessa, portanto, é o contraste entre a destruição da guerra e a transmissão de experiências. A realidade concreta e viva é subvertida, de modo que o problema do estudo da história não é mais exclusivamente atribuído exclusivamente às fontes materiais (e nem pode, tendo em vista a destruição e perda material ocasionado pela guerra), passando a residir também na antítese entre a continuidade ou interrupção de dado fato histórico. E a materialidade dessa antítese não são mais “monumentos e depósitos de arquivos”, mas sim os sujeitos responsáveis pela transmissão de dada memória. Entretanto, como destacamos anteriormente, a crise que se estabelece no pós- guerra vai além de uma ruptura na produção intelectual e na historiografia: é introduzida também uma ruptura na comunicação entre os sujeitos. Em outras palavras, entendemos que o momento de crise parece lesionar toda uma tradição originariamente construída coletivamente e que passa a perder seus significados valorativos pela ausência da transmissão de experiências comunicáveis.

Para justificarmos essa afirmação e prosseguir com nosso texto, precisaremos recorrer ao estudo de duas palavras de importância similar: comunicação e tradição. A escolha em trabalhar com palavras vem da afirmação de Bloch que, “para grande desespero dos historiadores, os homens não têm o hábito, a cada vez que mudam de costumes, de mudar de vocabulário” (BLOCH, 2001, p. 59). Aqui iremos inverter os papéis, pois, se os sujeitos não mudam de vocabulário mesmo quando mudam de costumes, imaginamos que Bloch e Williams, enquanto indivíduos, façam o

mesmo, mantendo o uso de um mesmo vocabulário que se aquilata e ganha nossos sentidos ao longo diferentes produções dos autores. Referente à Bloch, é importante mencionarmos que a palavra “comunicação” não aparece explicitada nos trabalhos referenciados ao longo do artigo, de modo que para continuarmos nosso argumento, assumiremos os testemunhos analisados pelo autor como um tipo de transmissão de experiência marcada pela presença de um processo comunicativo, e, portanto, cabível dentro do sentido de comunicação. Estipulamos essa proximidade tendo em vista que nosso autor está atento “à transmissão dos testemunhos, aos encontros entre historiadores [...], às ‘trocas de informações’, a tudo o que chamaríamos hoje de comunicação em história”. (BLOCH, 2001, p. 27).

Começaremos explicando a escolha em trazermos um método bastante comum nas produções de Williams, em que, partindo de uma palavra em particular, procuramos entender como certas ideias são gestadas em âmbito social, cultural e intelectual em torno dela ao longo da história. Referente à escolha do método indicado, podemos indicar que também estamos amparados por Bloch, uma vez que, nos termos do autor, “o papel de uma palavra, na língua, não fosse, assim como seu próprio passado, comandado pelo estado contemporâneo do vocabulário: reflexo, por sua vez, do estado social do momento” (BLOCH, 2001, p. 59). Entretanto, não estamos falando aqui de uma análise mais geral da palavra “comunicação”, mas sim de seus usos especializados em um dado período, e por isso iremos manter nosso recorte temporal, para podermos analisar, a partir de seu emprego histórico no período entre duas guerras, como Bloch e Williams a mobilizam em seus trabalhos.

Começando pela análise de Williams, temos que a partir de 1950, com o desenvolvimento de novos meios de transmitir informações e manter contato social, comunicação passou a ser utilizada para referir-se a mídia de um modo mais geral – assim como a seus meios de difusão –, mas o que nos interessa aqui é, principalmente, o uso estabelecido antes da Segunda Grande Guerra. (WILLIAMS, 2007, p. 102). No início do século XX, indica Williams, os sentidos de comunicação oscilavam entre dois substantivos: o de ação, representado pela atividade de transmitir algo em comum, como “um processo de mão única”; e o de partilhar, do sentido de comunhão, como “um processo comum e mútuo”. Desse embate, o que permanece é um sentido intermediário entre o “tornar comum” e “partilhar” (WILLIAMS, 2007, p. 102). Particularmente para Williams, o processo comunicativo é composto pelas etapas de transmissão, recepção e resposta. A

comunicação é iniciada pela transmissão de significados comuns de dadas instituições sociais, os quais são recepcionados pelos sujeitos, ou seja, é a capacidade de entender esses significados, e resposta é a capacidade de modifica-los de qualquer forma, seja expandindo, excluindo partes ou ainda propondo um novo significado.

Não por coincidência, Bloch parece observar o mesmo ao questionar se ao lermos “Heródoto ou Froissart, as Memórias do marechal Joffre ou as notícias [...] dadas pelos jornais”, não acabamos por “nos conformar exatamente ao que os autores desses escritos esperavam de nós?” (BLOCH, 2001. p. 76).¹ O questionamento parte da premissa de que tudo que “o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001. p. 77). O que Bloch evidencia para nós é como diferentes testemunhos históricos, independentemente de sua origem ou finalidade, carregam as marcas de um processo comunicativo: nos transmitem uma informação que foi articulada por um sujeito, e, exatamente por sabermos que existe um sujeito do outro lado do testemunho, partilhando essa informação, somos levados a nos conformar em aceitá-la. O ato de nos conformarmos ocorre em função desse tipo de registro histórico, assim como qualquer outro, ser passível de inexatidões, “erro ou de mentira” (BLOCH, 2001. p. 77). O problema se agrava, por outro lado, quando a inexatidão de um “testemunho” transmitido se torna a de “muitos homens” que o partilham de forma superficial e incompleta, o que, nos termos de Williams, deixa de ser um processo comunicativo, uma vez que não há resposta.

Entretanto, a culpa não recai sobre o testemunho. E, na verdade, não nos interessa a quem a culpa pode ou deve ser atribuída, porque o que realmente interessa para Bloch, assim como para nós, é o entendimento do processo que leva a esse problema de comunicação. Se analogamente aproximarmos nosso problema histórico a uma doença comum, como propõe Bloch, veremos que o “contágio supõe duas coisas: gerações de micróbios e, no momento em que a doença se instala, um ‘terreno’.” (BLOCH, 2001. p. 60) O autor está nos indicando então que uma transmissão incompleta ocorre quando temos um terreno propício para isso, ou seja, quando o meio social apresenta em uma situação que permite esse tipo de problema. Isto porque, o “carvalho nasce da glândula. Mas carvalho se torna e permanece apenas ao encontrar condições de ambiente favoráveis”

¹ Nesses termos, Williams também apresenta um debate semelhante, de forma que, em “O Campo e a Cidade” (1973), o autor menciona como “a medida que nos alongamos nessa viagem no tempo, é claro que está em jogo algo mais que aritmética e, evidentemente, algo mais que história”, ao analisar os registros literários ingleses, afirmando por que “para nos defendermos de relatos sentimentalizados e intelectualizados [...] precisamos do mais aguçado ceticismo” (WILLIAMS, 2000, pp. 23-24).

(BLOCH, 2001, pp. 58-59), e o mesmo vale para o processo de transmissão, que só ocorre quando há um terreno social favorável.

Quando pensamos naquilo que permanece em um discurso ou registro histórico e as razões de sua permanência, nos aproximamos também das ponderações de Raymond Williams sobre a organização de uma tradição em termos da história de uma sociedade. Dito isso, partiremos da perspectiva de que todo testemunho histórico que encontra espaço para sua circulação está circunscrito dentro de uma tradição. Para a discussão em torno de tradições, que nos remete à problemática de um terreno propício que antecede a circulação de certos significados, partiremos da premissa de que “Por mais intacta que suponhamos uma tradição, faltará sempre apresentar as razões de sua manutenção” (BLOCH, 2001, p. 58). Razões, que segundo o autor, são razões humanas. Em contrapartida, Williams parece nos apresentar tais razões ao cunhar dois conceitos: “estrutura de sentimento” e “tradição seletiva”, os quais discutiremos agora.

Williams inicia seu argumento indicando que a cultura de um período é todo um modo de vida daquela sociedade, representando o sentimento social vivido e sentido numa determinada época (WILLIAMS, 2011, p. 63). A formulação de “estrutura de sentimento”, desse modo, faz menção à existência de significados comuns que são conhecidos ou que precisam ser aprendidos como a parte mais básica das formas culturais dessa dada época (WILLIAMS, 2011, p. 65). Mas, esse processo de transmissão de significados não é imperturbável, de modo que, certos significados, guardadas as devidas proporções, compõem determinadas tradições, que nos termos do autor, fazem parte do conceito de “tradição seletiva”. Tal conceito atua como o elemento conectivo entre a “cultura vivida” de um determinado tempo e espaço e a “cultura registrada” em testemunhos, impressos ou imagens de uma época (TLR.66). A “tradição seletiva” de uma sociedade encarega-se, portanto, de delimitar o que será mantido como uma tradição, mas também “de rejeitar uma parte significativa” de sua memória (WILLIAMS, 2003, p. 60).

Nesse contexto, “a seleção será regida por diversos interesses especiais” (WILLIAMS, 2003, p. 60), de modo que a experiência ou o significado existente

no interior dos termos de uma cultura dominante e efetiva, é sempre transmitido como “a tradição”, o “passado importante”. Mas o principal é sempre a seleção, o modo pelo qual, de um vasto campo de possibilidades do passado e do presente, certos significados e práticas são enfatizados e outros negligenciados e excluídos. Ainda mais importante, alguns desses significados e práticas são reinterpretados, diluídos, ou colocados em formas

que apóiam ou ao menos não contradizem outros elementos intrínsecos à cultura dominante e efetiva (WILLIAMS, 2005, p. 217)

Partindo da citação, podemos inferir que nenhum indivíduo pode recuperar totalmente a memória de um tempo passado, exatamente por essa estar comprometida com os interesses de uma “cultura dominante” (WILLIAMS, 2005, p. 217). Williams observa como na seleção dos elementos que irão permanecer em uma tradição, existe muito mais do que um período histórico registrado: há uma seleção contínua e interpretativa do que irá ser tido como um registro para além do tempo presente.²

Ainda que para Williams não importe o valor moral ou a veracidade dos testemunhos, o autor reconhece que “algumas dessas testemunhas [...] escreviam sobre suas vivências pessoais” (WILLIAMS, 2000, p. 23), de modo que o “que é necessário investigar, nestes casos, não é a veracidade histórica, e sim a perspectiva histórica” (WILLIAMS, 2000, p. 23). Aqui, observamos com o pensamento de Williams encerra o ciclo que iniciamos com as premissas de Bloch em relação aos testemunhos e dos conhecimentos comunicáveis ao indicar que “a pacífica continuidade de uma vida social sem rasgos de febre mostra-se menos favorável do que às vezes se acredita à transmissão da memória” (BLOCH, 2001, p. 85).

Aproximações e distanciamentos no problema da comunicação

Enquanto, Bloch, nosso autor da revista dos Annales, é crítico e debate a difusão de informações e conhecimentos não verídicos ou incompletos no meio social e seus impactos na discussão histórica, Williams formula um conceito-chave para tratar de como valores sociais são mantidos ou apagados pela ação dos homens no tempo, independentemente da veracidade desses conhecimentos. Os distúrbios da vida coletiva e a permanência de informações e valores são elementos presentes em uma discussão que perpassa as obras selecionadas dos autores, ainda que com suas diferenças, que debateremos agora.

Para discutir as diferenças entre os autores precisamos entender brevemente como permanência de certos significados é afetada pela comunicação de massa, sendo essa uma causa

² Sob uma perspectiva mais geral, temos François Dosse nos indicando que esse processo é entendido como a forma sob a qual as próprias gerações são capazes de comunicar visões de mundo específicas, de forma que algumas visões em especial são capazes de se manter em função de ações políticas, econômicas e históricas (DOSSE, 1992, p. 55).

direta da permanência – ou não – de processos no meio social para ambos os autores, ainda que cada um deles escreva em diferentes momentos sobre elementos conexos. Retomando o debate sobre as permanências e rupturas – ou daquilo que continua e daquilo que muda –, continuamos a leitura de Marc Bloch, uma vez que, embora o autor não se estenda propriamente no debate das mudanças e permanências, ele nos apresenta a seguinte passagem:

Ora, esse tempo verdadeiro é, por natureza, um *continuum*. É também perpétua mudança. Da antítese desses dois atributos provêm os grandes problemas da pesquisa histórica. Acima de qualquer outro, aquele que questiona até a razão de ser de nossos trabalhos. Sejam dois períodos sucessivos, recortados na sequência ininterrupta das eras. Em que medida — o vínculo que estabelece entre eles o fluxo da duração prevalecendo ou não sobre a dessemelhança resultante dessa própria duração — devemos considerar o conhecimento do mais antigo como necessário ou supérfluo para a compreensão do mais recente? (BLOCH, 2001, p. 55)

Para que possamos responder a essa questão, teremos como apoio a noção de “guerras da história”, do historiador Josep Fontana. Com a referida expressão, o autor nos mostra como a história, no século XX, foi construída de forma circunspecta pelo poder e interesses do Estado e das classes dominantes ao qual ela está condicionada. Isto porque, o que interessa a estes é a garantia da “transmissão” de versões da história que lhes seja favorável. As classes dominantes, segundo Fontana, não temem a história, pelo contrário: procuram produzir e difundir o tipo de história que lhes convém, ou seja, uma história que não se dedica aos interesses mais gerais de uma sociedade (FONTANA, 2004, p. 344). A escrita da história, assim, sempre esteve em poder das classes dominantes, que a utiliza para manter seu status e garantir a continuidade do que é considerado uma “história verídica” (FONTANA, 2004, p. 344) convincente de personalidades e eventos, em detrimento de uma história social autêntica.

Tendo em vista que essa mesma discussão aparece dispersada em diferentes obras de Williams, com destaque para *The Long Revolution* (1961) e *Communications* (1962), destacaremos aqui um intérprete nacional de nosso autor. Alexandro Paixão, ao tratar dessa temática, escreve que segundo Williams

a organização da comunicação no pós-guerra foi feita para lucrar e não para ser útil – no sentido de utilidade, que pressupõe, para Williams, cooperação, algo contrário ao sentido de consumo. E quanto mais se expandiram os métodos e atitudes dentro do mundo dos negócios da publicidade e propaganda, mais se desenvolveram os meios de comunicação. A síntese aparece em tom de contradição: democracia e propriedade dos meios de comunicação se desenvolveram juntas e promoveram tanto a expansão genuína para o

desenvolvimento da comunicação humana quanto o lucro de grandes empresas de publicidade. Os dois maiores processos culturais do pós-guerra aconteceram juntos e se resumiram na expansão dos setores populares e na ênfase no mercado consumidor através das grandes massas de audiências. Estes eventos são ao mesmo tempo consequência, de um lado, do desenvolvimento da democracia inglesa, de outro, da expansão da propriedade, formando uma nova cultura, só que “sintética”, isto é, planejada para uma venda rápida e descartável para as massas. (PAIXÃO, 2017, p. 27)

Williams observa que, graças à circulação de jornais e programas de rádio e televisão, essas formas culturais passaram por um processo de modificação conforme novos leitores e telespectadores passavam a consumir esses meios de comunicação. Porém, os processos de “transmissão, recepção e resposta” (WILLIAMS, 1966, p. 9) não se deram de forma efetiva, uma vez que as condições de acesso aos meios escritos e midiáticos permaneceram desiguais no mundo do pós-guerra.³ É admirável como a formulação tem paridade com o trecho de mesma temática encontrada no “Apologia da história”, em que Marc Bloch, ao escrever sobre o uso das informações, reconhece que “As do momento presente, para dizer a verdade, estão muito próximas de nós para já passarem por uma análise exata” (BLOCH, 2001, p. 106), uma vez que, particularmente no contexto de momentos de ruptura, “na particularíssima sociedade das trincheiras que a formação dessas notícias parece mais interessante de ser estudada. O papel da propaganda e da censura foi, à sua maneira, considerável” (BLOCH, 2001, p. 107). Porém, Bloch e Williams, ao menos nos livros aqui selecionados, não atingem o ponto de discutir sobre como a produção historiográfica de informações e relatos sofre dos males da imposição da construção de uma história que corresponda, simultaneamente, a determinados interesses históricos, sociais, econômicos e também culturais.

E a maneira de manutenção dessa história construída e difundida é o constante controle dos conteúdos históricos transmitidos através do ensino, visando sempre a manutenção do conhecimento já estabelecido. Atingido o debate referente a educação e a transmissão de valores pela construção da história, podemos nos voltar novamente aos autores centrais deste trabalho. As questões que se constituem enquanto obstáculos para ambos autores no campo do ensino e da transmissão de informações podem ser acomodadas na questão do uso das palavras. Nos ocorre

³ Mais sobre esse assunto pode ser lido em Dosse: “O outro dado novo do pós-guerra manifesta-se na formidável revolução tecnológica. O crescimento bate à porta depois do longo expurgo vivido durante quatro anos. [...] A Internacionalização não somente da economia, mas também da comunicação, da informação entre os homens dos diferentes continentes, torna necessária uma reorientação do discurso do historiador que se adapte à nova consciência do tempo histórico.” (DOSSE, 1992. p. 39).

perguntar ainda, se a educação diz respeito à formação das novas gerações e as transmissões de experiências que realizamos, como alguns momentos agudos, ou como menciona Bloch os "rasgos de febre", interferem nesse processo? Ou seja, procuraremos responder de que maneira é afetada a transmissão de experiências, enquanto um processo educativo, nesse tempo dos autores.⁴

Para Bloch, toda crítica da construção da história reside na discussão sobre o tempo contínuo, mas há uma crítica em especial do autor que nos indica que existe um "clima social" que não se reproduz no caminhar da história, e evidencia isso ao citar que o uso das palavras muda conforme se muda o clima social, de forma a ganharem novos usos e agregar novos significados convenientes (BLOCH, 2001, p. 68). Para além disso, Bloch é astuto ao entender que as relações sociais definem características que exemplificam as palavras em uso, de forma que, entendemos a crítica do autor como o entendimento da criação de um vocabulário social que está em constante mudança dado os usos das palavras, seja nos meios de comunicação oficiais, seja nos materiais de ensino, seja nas interações sociais (BLOCH, 2001, p. 59). Para Williams o uso das palavras é igualmente importante em sua obra. Como salienta Paixão, Williams nota que após a Segunda Guerra se agravaram a certos problemas de comunicação social, de modo que "dificuldade de comunicação entre os homens, estranhamento da linguagem ou o uso de determinadas palavras, de certas palavras-chave, é, portanto, uma das expressões dessa crise" (PAIXÃO, 2017, p. 13). Para discutirmos essa problemática, precisamos recuar a 1946, quando Williams começa a trabalhar como tutor de adultos no programa extramuros de Oxford, passando a produzir simultaneamente programas de estudos e escritos sobre o tema das palavras-chave para a sociedade trabalhadora inglesa. Tais programas de estudo se tratam de um esforço orientado para desenvolver uma nova linguagem entre os adultos trabalhadores. O objetivo central era de produzir, a longo prazo, uma nova sociedade, compreendida não somente como uma rede de novos arranjos políticos e econômicos, mas também como um processo de aprendizagem e comunicação, algo que as "palavras-chave" poderiam contribuir enquanto uma forma de auxílio na produção de um saber (PAIXÃO, 2017, p. 13).

⁴ Referente a esse debate no campo da literatura, podemos citar o livro "Os anos" de Annie Ernaux. O mesmo trata-se de uma biografia escrita em 1ª pessoa do plural, que pretende falar dos registros de uma geração a partir das experiências vividas pela autora. Ela nasceu em 1940 e tinha apenas cinco anos quando a guerra terminou, mas, é profundamente marcada pelas histórias contadas pela família a respeito da guerra.

Notamos assim que ambos autores abordam as dificuldades que emergem pela massificação da informação e que colocam em segundo plano as experiências comunicáveis de grupos sociais, indicando essas dificuldades como problemas reais do século XX. Todavia, ambos também constroem formas pessoais de agir sobre essas dificuldades, colocando em evidência o papel das palavras, da comunicação entre pessoas iguais, como uma ferramenta para o entendimento – no caso de Bloch – e de formação – no caso de Williams – de uma sociedade que se reorganiza no pós-segunda guerra. Enfatizamos por fim, que há uma diferença sutil entre as formulações de Bloch e as formulações de Williams, que parecem derivar, respectivamente, dos estudos sobre uma perspectiva de história e dos estudos sobre uma perspectiva de cultura. Isto porque Williams não entende que as dificuldades emergem somente pela massificação da informação, até porque o autor não utiliza esse termo em especial, porém, Williams concorda em outras coisas; concorda que as relações de propriedade dos meios de comunicação são concentradas na mão de um grupo pequeno, e continua esse debate por meio da produção de críticas direcionadas a esse tipo de apontamento.

Considerações finais

36

O homem em série, ao sofrer o poder dos meios de comunicação de massa, torna-se um indivíduo Impotente, passivo e sua participação social desaparece. Esse homem tem apenas um futuro passivo. Encontramos na escola dos *Annales* um belo exemplo de adaptação a essa sociedade dos meios de comunicação de massa. Ela se instala como moda cultural, ao apresentar uma história em migalhas em uma sociedade cada vez mais fragmentada. Esses recuos para o indivíduo e para os tempos antigos imóveis são sintomáticos de um futuro abandonado à única lógica, por vezes louca, do desenvolvimento de forças produtivas não dominadas. (DOSSE, 1992, p. 72)

Essa passagem é de François Dosse, e acredito que ela nos seja mais contemporânea do que possa sugerir. Ainda que aprendamos a encarar a história cada vez mais em fragmentos – ou migalhas – e ainda que a comunicação de massa obscureça as experiências comunicáveis dos indivíduos, é interessante ver como dois homens com trajetórias e construções teóricas similares, mas distantes geograficamente, elaboram argumentos que perpassam a discussão da história, da cultural e da comunicação.

Marc Bloch e Raymond Williams nos ensinam, cada um à sua maneira, sobre a relação dos indivíduos com seu tempo histórico e a como repensar a relação entre nós mesmos e o que nos é transmitido, bem como com aquilo que transmitimos ou pretendemos transmitir. Mas os autores

debatidos vão além: nos mostram como não há – não em tom de desesperança – um meio de superar o que já está dado; não há como superar a correnteza truculenta de informações montadas, mas sempre há a opção de seguir esse movimento pela sua margem – enquanto algo alheio ao movimento central –, construindo uma experiência comunicável de forma mais lenta, mas sem deixar de construir, continuando a discutir aquilo que não se pode deixar de debater acerca do ensino em uma sociedade que desde a primeira metade do século XX encara os mesmos problemas. Procuramos assim evidenciar a contradição entre a comunicação de massa que obscurece as experiências comunicáveis dos indivíduos e o fato de que os dois autores quando desafiados por um tempo histórico comum se colocaram a refletir em torno de questões muito próximas.

Referências bibliográficas

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica – teoria e método*. Bauru: EDUSC, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras Escolhidas, v. 1).

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. São Paulo: Hucitec, Ed. da Universidade de São Paulo, 1996

BLOCH, Marc. *Apologia à história. Ou o ofício do historiador*. Trad. Andre Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio, Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

FONTANA, Josep. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Raymond Williams: História intelectual inglesa, cultura e educação de adultos no pós-guerra*. In: 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2017. Anais Eletrônicos do 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt15-26/10732-raymond-williams-historia-intelectual-inglesa-cultura-e-educacao-de-adultosno-pos-guerra>> Acesso em 03/08/2021.

WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. In: *Revista USP* n. 66, julho/agosto 2005, p. 209-224. Disponível em: <

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13448/15266>> Acesso em 08/08/2021.

WILLIAMS, Raymond. *Communications*. London UK: Pelican Book 2º, 1966.

WILLIAMS, Raymond. *La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Trad. Paulo Britto. São Paulo: Companhias das Letras, 2000.

WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Wales: Parthian, 2011.